



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA**

LAILAH HENRIQUE DUARTE VILLAS BOAS

**OS PARADOXOS DO EU: UM ESTUDO SOBRE
INIBIÇÃO E MELANCOLIZAÇÃO**

**Niterói
2025**

LAILAH HENRIQUE DUARTE VILLAS BOAS

**OS PARADOXOS DO EU: UM ESTUDO SOBRE
INIBIÇÃO E MELANCOLIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Graduação em Psicologia do
Instituto de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): **Prof^a Dra. Paula Land
Curi**

Coorientador(a): **Prof^a Dra. Flavia
Lana Garcia de Oliveira**

**Niterói
2025**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

V712p Villas Boas, Lailah Henrique Duarte
Os parados do Eu : um estudo sobre inibição e
melancolização / Lailah Henrique Duarte Villas Boas. - 2025.
37 f.

Orientador: Paula Land Curi.
Coorientador: Flavia Lana Garcia de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2025.

1. Psicanálise. 2. Eu. 3. Inibição. 4. Melancolia. 5.
Produção intelectual. I. Curi, Paula Land, orientadora. II.
Oliveira, Flavia Lana Garcia de, coorientadora. III.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. IV.
Título.

CDD - XXX

TERMO DE APROVAÇÃO
LAILAH HENRIQUE DUARTE VILLAS BOAS

**OS PARADOXOS DO EU: UM ESTUDO SOBRE
INIBIÇÃO E MELANCOLIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão aprovado pela Banca Examinadora do Curso de Graduação em
Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF

Niterói, 18 de Dezembro de 2025

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
PAULA LAND CURI
Data: 19/12/2025 15:20:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dra. Paula Land Curi - UFF (orientadora)



Documento assinado digitalmente
FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA
Data: 19/12/2025 09:15:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira - UFF (coorientadora)



Documento assinado digitalmente
FLAVIA GAZE BONFIM
Data: 18/12/2025 10:26:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dra. Flavia Gaze Bonfim - UFF



Documento assinado digitalmente
PEDRO SOBRINO LAUREANO
Data: 19/12/2025 12:44:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Pedro Sobrino Laureano - UFF

DEDICATÓRIA

Este trabalho de conclusão de curso é dedicado à minha mãe, Roseli, que me ensinou o valor e a importância da educação pública através do seu incentivo e do empenho em alfabetizar e ensinar centenas de alunos em mais de 20 anos de profissão.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o ato de reconhecer o benefício/favor recebido. Durante os meus anos de graduação inúmeras pessoas permitiram que eu pudesse realizá-la por conta dos benefícios prestados a mim, amigos, familiares e professores. O maior favor que pude receber foi a construção do meu relacionamento com Deus, sem ele a graduação não seria um momento tão importante e positivo da minha vida.

À minha mãe que me incentivou e incentiva a construir uma vida digna, me fazendo acreditar na educação pública. Obrigada mãe por apoiar as minhas escolhas e me direcionar pelos melhores caminhos.

À Thefinha, minha amiga em todos os momentos, que desde o ensino médio tem estado ao meu lado, obrigada em especial por emprestar o notebook para escrever meu TCC.

À cada um dos meus irmãos em Cristo que estiveram comigo durante a graduação, podendo fazer desse período um momento leve, espiritual e divertido.

Aos professores da graduação de psicologia da UFF, à equipe de estágio do SPA, com a qual pude muito aprender e iniciar a clínica com comprometimento.

Agradeço a Flávia Lana pelo comprometimento em transmitir a psicanálise e arte de clinicar.

“Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar”

Sigmund Freud

RESUMO

O presente trabalho busca discutir sobre o papel do mecanismo de inibição e a formação do Eu nas respostas melancólicas. Primeiro iremos abordar como o Eu se organiza e estrutura dentro da teoria psicanalítica, ressaltando a importância do papel do outro na apreensão da cultura pelos sujeitos. Falaremos também sobre a importância do mecanismo de inibição para e como o Eu pode inibir-se gerando dificuldades para a inserção no laço social. Apresentaremos a hipótese da construção da posição melancólica como presente em diversas estruturas abordando como a inibição aparece nessas respostas a angústia e também nas relações com outros, sendo efeito de um Eu pouco aparelhado.

Palavras-chave: Eu, Inibição, melancolia

ABSTRACT

The present study aims to discuss the role of the mechanism of inhibition and the formation of the Ego in melancholic responses. First, we will address how the Ego is organized and structured within psychoanalytic theory, emphasizing the importance of the role of the Other in the subject's apprehension of culture. We will also discuss the importance of the mechanism of inhibition and how the Ego may inhibit itself, thereby generating difficulties in insertion into the social bond. We will present the hypothesis that the construction of the melancholic position is present in different structures, examining how inhibition appears in these responses to anxiety as well as in relationships with others, as an effect of a poorly equipped Ego.

Keywords: Ego, Inhibition, Melancholia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: O EU	12
1.1. O surgimento do Eu	12
1.2 O Eu que advém do Id	14
1.3 Notas sobre o Eu na neurose e na Psicose	18
CAPÍTULO 2: A INIBIÇÃO	20
2.1 A inibição e o Eu	20
2.2 A inibição e as possíveis diferenciações e relações com sintoma e sublimação	23
CAPÍTULO 3: UM ENTRELAÇAMENTO ENTRE EU E INIBIÇÃO	26
3.1 A melancolia e sua relação com o Eu e com a Inibição	26
3.2 Sujeitos inibidos e melancolização	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
BIBLIOGRAFIA	32

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha graduação, o encontro com a psicanálise não foi proposital. Parte importante da minha faculdade foi realizada remotamente durante o período da pandemia de Covid-19, nos anos de 2020, 2021 e parte de 2022. Pessoalmente, o isolamento social e o método de ensino remoto dificultaram uma maior apreensão e criação de interesse em uma teoria e área específica da psicologia. Apesar da psicanálise já se mostrar instigante para mim, ela se mantinha distante devido à minha rejeição, naquele momento, de trabalhar com a clínica. Somente no ano de 2022 a psicanálise aparece concretamente como uma possibilidade de área de interesse e a clínica como área de atuação. É a partir dos estudos acerca do desenvolvimento psíquico dentro da psicanálise, na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento II, que meu interesse por ela se concretiza. Estudar temas do desenvolvimento psíquico a partir da psicanálise, como o autoerotismo, narcisismo, complexo de Édipo, período de latência, etc, permitiram uma abertura para a minha atuação na clínica a partir da psicanálise. Portanto, no estudo da constituição psíquica dos sujeitos que meu interesse pela psicanálise aflora, interesse esse que não deixa de ser ponto de partida para a construção dessa monografia.

O que me chama atenção nesta clínica é a possibilidade de bases sólidas, mas não rígidas, para o estudo e compreensão do psiquismo humano, a possibilidade de ir além do que o sujeito fala e a análise das construções de vida singulares de cada um. Desta forma, escolho-a para a direção da minha atuação clínica e para a construção do meu trabalho de conclusão de curso.

A motivação desta monografia se dá a partir da minha experiência de Estágio Específico, no Serviço de Psicologia Aplicada da UFF-Niterói. Também provém da minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no projeto intitulado “Incidências de estados melancólicos e maníacos na clínica psicanalítica contemporânea” e no projeto de pesquisa-extensão, nomeado “Psicopatologias alimentares e da imagem na clínica psicanalítica com mulheres: abordagem e tratamento no contexto do hospital geral”, ambos realizados na UFF durante a minha graduação, ministrados pela Professora Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira.

Esses espaços de estudo, pesquisa e de introdução à atuação clínica, orientados pela psicanálise, permitiram o contato com casos clínicos que chamaram a minha atenção por parecerem serem marcados por um Eu frágil. A concepção de Eu que norteia esse trabalho

difere de uma mera visão ortopédica da Psicologia do Eu, e se organiza a partir da perspectiva freudiana do Eu como efeito da civilização no Isso (FREUD, 1923), portanto, muito próximo da noção de um sujeito organizado a partir de sua singularidade. Podemos pensar como demonstrações, talvez discretas, desse Eu facilmente invadido pela pulsão e incapaz de barrar potenciais comportamentos danosos ao sujeito e ao laço social, situações como: a impossibilidade da tomada de responsabilidades frente a perda de um ente querido central na organização familiar, complicações para boas escolhas na parceria amorosa, depressões, certa dificuldade de identificar as origens dos ideais de vida, apego a discursos do senso comum, baixa capacidade de ocupar lugares de autoridade e sustentar um lugar no laço social.

As situações citadas parecem abrir portas para que os sujeitos cedam, de certa maneira, às dificuldades, em vez de construir outros caminhos possíveis, mais afeitos à construção singular de sua vida e à responsabilização e apropriação frente às suas escolhas e as situações vivenciadas. Esse Eu frágil mostra-se diferente do Eu enunciado por Freud na primeira tópica, na qual este aparece como a instância que pode barrar os processos primários em prol da construção do laço social, um Eu capaz de inibir o excesso pulsional quando necessário.

Diante do apresentado, podemos levantar alguns questionamentos: quando o Eu é incapaz de inibir e passa a ser ele a sofrer a inibição? Quais são os efeitos clínicos de um Eu inibido? Um Eu capaz de inibir pode ser uma solução para passagens ao ato? É preciso dizer que não tenho, neste trabalho, a pretensão de encerrar a discussão ou fornecer respostas objetivas às perguntas elaboradas, mas sim de abri-las e trazer os questionamentos sobre essa problemática, abordando-a a partir do que é possível construir no tempo da graduação e do apreendido até agora. Uma observação que também se faz necessária é acerca do termo ‘Passagens ao Ato’ a ser utilizado neste trabalho. Sabe-se, como nos trazem Calazans e Bastos (2010), que Lacan, no Seminário 10 – A Angústia (1962–1963), elabora uma distinção entre passagens ao ato e *acting out*. É a partir dessa distinção que usarei o termo passagem ao ato, pensando-o como um cair do sujeito para a posição de objeto a partir da irrupção da angústia.

A partir do exposto, o presente trabalho se dedica a pensar as relações do Eu com o mecanismo da inibição, a partir da obra freudiana, levantando discussões sobre a sintomatologia nos tempos atuais. A partir dessa direção, utilizarei a posição melancólica como paradigma clínico do entrelaçamento entre Eu e Inibição, conforme orientação do

TCC e de pesquisa de IC. Delineia-se, então, a partir desses questionamentos, a ideia da construção de um trabalho de conclusão de curso tendo como ponto de partida essa possível relação entre o Eu, a inibição e a posição melancólica. O trabalho se constrói com o objetivo de verificar, na obra freudiana, as possibilidades dessa relação e sua presença no contemporâneo, permitindo pensar os casos nos quais o Eu parece não operar como instância mediadora, autorizando, de certo modo, a queda do sujeito e possibilitando a passagem ao ato. Diante do exposto, a organização do texto será em três capítulos. O primeiro capítulo abordará o Eu, o segundo a inibição e o terceiro a posição melancólica como entrelaçamento do Eu com a inibição.

O objetivo do primeiro capítulo é apresentar, a partir da obra freudiana, como o Eu é construído e entendido como instância psíquica. Falarei sobre as duas tópicas da teoria freudiana, que são as duas maneiras pelas quais Freud teoriza sobre a organização espacial e lógica do aparelho psíquico, tendo como marco divisor o ano de 1923. Apresentarei as funções do Eu, que dizem respeito à regulação dos sujeitos para se inserirem no laço social, como autopreservação, capacidade de dialetização, a formação do mecanismo do recalque, fundante do inconsciente, etc. Também discorrerei, de modo breve, sobre as diferenciações dessa instância psíquica nas duas grandes estruturas psicanalíticas, a neurose e a psicose.

No segundo capítulo, pretendo apresentar o mecanismo e a definição de inibição na teoria psicanalítica, assim como sua importância para a regulação pulsional do aparelho psíquico. Pretendo incluir também as diferenciações entre inibição e conceitos da teoria psicanalítica, como sublimação e sintoma. Abordarei como esse mecanismo pode ir contra o próprio Eu, gerando grandes angústias e dificuldades ao sujeito.

Por fim, no terceiro capítulo, o objetivo é trazer os efeitos clínicos da relação entre inibição e Eu a partir da hipótese da posição melancólica. Dissertarei sobre o diagnóstico estrutural de melancolia na psicanálise, seus impasses, e apresentarei hipótese de ampliação da melancolia para uma posição subjetiva presente em diferentes estruturas psíquicas. Trarei exemplos de comportamentos e fenômenos que podem revelar um Eu inibido e fragilizado, o que permite a realização de atos danosos ao sujeito e ao laço social. Abordarei também o tipo de laço com o outro que a posição melancólica produz, e como ela demonstra estar presente no contemporâneo e revela uma ferida na constituição narcísica dos sujeitos.

CAPÍTULO 1: O EU

O objetivo deste capítulo é abordar a construção do Eu na obra freudiana utilizando como marco a noção de tópica do aparelho psíquico. Pensar uma tópica para o aparelho psíquico é uma tentativa de organizá-lo de modo lógico, delimitando suas instâncias e elaborando sobre as suas funções e interações. As elaborações freudianas sobre o aparelho psíquico e suas instâncias são pensadas a partir de duas tópicas, tendo como marco divisor o texto de 1923, “O Eu e o Isso”, fundante da segunda tópica.

Para uma possível demonstração da formação do Eu, abordarei a ideia do Eu como defensor da autopreservação e agente do recalque presentes na primeira tópica. Veremos, então, o salto teórico que Freud elabora ao considerar que parte do Eu também é inconsciente e suas relações com a pulsão. Ao final, pretendo trazer uma breve observação sobre possíveis distinções do Eu na neurose e na psicose.

1.1. O surgimento do Eu

Em “A interpretação dos sonhos” de 1900, obra fundante do campo psicanalítico, especificamente no item B, “A regressão”, do capítulo VII, “Psicologia dos processos oníricos”, Freud esboça a construção de uma possível representação gráfica do aparelho psíquico no esquema que se convencionou chamar de “esquema pente”. Neste momento da teoria freudiana, temos a divisão do aparelho psíquico em Cs (consciente), Pcs (pré-consciente) e Ics (inconsciente), que são pensados como sistemas (FREUD, 1900). É preciso dizer que Freud nos apresenta duas maneiras de usar o termo inconsciente: em um sentido descritivo, como forma de adjetivar determinado processo, e em um sentido dinâmico mais próximo da ideia de um sistema psíquico com um funcionamento próprio. O inconsciente, no sentido descritivo, é o que dá origem ao termo pré-consciente. Neste período, o inconsciente, enquanto sistema, coincide com o recalcado e o Eu aparece ligado à consciência, que tem conexão direta com sistema perceptivo. Apesar de, nessa representação, o Eu não estar incluído diretamente, o Eu apresentado por Freud neste momento aparece como aliado do tratamento, como a instância psíquica responsável pela interação do sujeito com o mundo externo e que luta pela preservação da vida.

Em 1914, no texto intitulado “Introdução ao narcisismo”, Freud apresenta a hipótese de que “uma unidade comparável ao ego não existe no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido” (FREUD, 1914, p. 84). O Eu surge, portanto, através de uma

nova ação psíquica, que provoca o narcisismo (FREUD, 1914). Ainda nesse texto, Freud constrói a ideia de que o narcisismo é uma forma de complementar o Eu por meio do instinto de autopreservação. O narcisismo fornece os recursos libidinais para que o Eu possa surgir, tendo como traço principal a autoconservação. Fica claro, então, como Freud elabora o Eu como a instância que surge lutando pela preservação do sujeito.

Avançando na teorização, o autor mostra como, nesse momento psíquico que podemos chamar de narcisismo primário, o sujeito se identifica com Ideal, como objeto “sua majestade o bebê” (FREUD, 1914, p. 98). Com a introjeção dos valores morais, que ocorre através da presença da figura paterna, o sujeito deixa de se identificar como objeto absoluto do desejo materno, como Eu Ideal, barrando os impulsos incestuosos e separando-se da mãe (OLIVEIRA, 2024). Vemos, desse modo, que essa estruturação psíquica não ocorre sem a presença de figuras parentais que introduzem o sujeito no mundo externo, na cultura, o que não se dá de modo exclusivamente pedagógico, mas de forma libidinal. É através da perda narcísica infantil, ao deixar de se identificar como Eu Ideal, que o sujeito pode se separar para a construção de outras relações que não sejam exclusivamente com a mãe.

É, portanto, no atravessamento do narcisismo primário, na superação de um funcionamento mais fragmentado, autoerótico, que temos o desenvolvimento do Eu. Ou seja, é na travessia dos complexos familiares, que para a psicanálise são estruturantes do sujeito, que o Eu advém. Essa passagem para um funcionamento menos fragmentado permite, inclusive, uma experiência de corpo próprio e a possibilidade de compreender a existência de um “eu” e um “outro”, fazendo com a criança deixe de formar um com a mãe. Passa-se, assim, do Eu ideal para o Ideal do Eu, como Freud (1914) afirma:

O desenvolvimento do Ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal (p.106)

Diante da travessia dos complexos familiares, vemos outra grande ação constituinte do sujeito da qual o Eu participa: o recalque. Em seu artigo “O Recalque”, de 1915, o autor elabora sobre esse poderoso mecanismo psíquico, tomando-o como um mecanismo de defesa. Assim como o Eu, o recalque não existe desde o princípio, ele só é possível a partir de uma separação psíquica entre consciente e inconsciente e “sua essência consiste apenas

em rejeitar e manter afastado algo da consciência” (FREUD, 1915, p. 152). Desse modo, Freud vai afirmar que o Eu é o agente do recalque (FREUD, 1914), afirmação que é retomada em “O Eu e o Isso”, de 1923. Em uma relação paradoxal, podemos dizer que o Eu realiza o recalque ao mesmo tempo que o recalque permite o surgimento do Eu. Mais uma vez, vemos, nesse momento, a importância da presença das figuras parentais, já que o advento do recalque está intimamente relacionado à travessia dos complexos familiares e do narcisismo primário. Oliveira (no prelo) afirma que:

O Eu só consegue ser agente do mecanismo do recalque caso tenha dado uma contundente seriedade a valores morais e culturais que lhe foram transmitidos ao ponto de se submeter a eles e limitar seu narcisismo. Por meio dessa abertura ao laço social, erige um ideal dentro de si, pelo qual passa a medir seu Eu atual. O Ideal do Eu provê o sujeito com um senso de horizonte que causa seu desejo. Seu amadurecimento se dá pelo distanciamento do narcisismo primário e para uma conquista no nível do ideal que não está garantida (Inédito).

Dessa maneira, o Eu é pensado como a instância que luta pela preservação da vida, que realiza o recalque e que surge no momento em que o sujeito abre mão de seus impulsos mais primários para a inserção no laço social. Esse abrir mão só é possível por meio da presença desejante de um outro que possa chamar o sujeito a ocupar um lugar no laço social, que inicialmente é um local no desejo materno e que precisa se tornar um local na cultura. Portanto, a hipótese freudiana neste momento é que:

em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade - isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. Desse ego procedem também as repressões, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade. (1923, p.30)

1.2 O Eu que advém do Id

Saltando para 1923, através do texto “O Eu e o Isso”, Freud inaugura a segunda tópica do aparelho psíquico. Ao se deparar com casos nos quais o Eu aparenta ser mais inimigo do tratamento do que aliado, Freud aprofunda sua teorização. O autor deixa claro que este trabalho tem íntima ligação com a mudança da teoria pulsional em psicanálise, apresentada em “Além do princípio do prazer”, publicado três anos antes, em 1920. Essa

importante mudança é a compreensão da chamada pulsão de morte. O grande salto teórico que o autor elabora é a ideia de que algo do próprio Eu também é inconsciente e se comporta como o recalcado (FREUD, 1923). Essa afirmação traz importantes mudanças para a compreensão do Eu e para a direção do tratamento.

Ao longo do texto de 1923, Freud introduz um novo conceito: o Isso ou Id. Em 1932, nas novas conferências, o autor retoma a sistematização da segunda tópica e nos mostra como o Id é um local lógico no aparelho psíquico, que não pode ser acessado diretamente, mas apenas por meio dos sonhos e sintomas. Ele é o reservatório da pulsão, regido por leis e princípios de outra ordem, não conhecendo a contradição, o tempo cronológico, a ideia de morte e de negativa e sendo uma instância amoral (FREUD, 1932). O Id será entendido como a instância mais primitiva do aparelho psíquico. Inicialmente, Id é o que há. O salto teórico freudiano, então, é que o Eu advém do Id (FREUD, 1923). A questão se torna, então: como o Eu, que até esse momento da teoria psicanalítica era a instância que prezava pelos interesses do laço social, pelos valores morais e preservação do sujeito, pode advir de uma instância obscura, a qual Freud define como um “Caldeirão cheio de agitação fervilhante” (FREUD, 1932, p. 80)?

O esquema da segunda tópica, nomeado de “esquema da vesícula”, demonstrado em “O Eu e o Isso”, mostra como Freud atribui ao Eu uma proximidade com o sistema perceptivo, que é a porta de entrada do sujeito para o mundo externo. É através dessa aproximação que Freud elabora o advento do Eu. O Eu, será então, “aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do Pcpt.-Cs” (FREUD, 1923, p. 38). Ou seja, o Eu não é a instância psíquica oposta ao inconsciente, mas advém dele quando ele permite, ou não, modificar-se pela percepção e apreensão do meio externo. Ainda nesse texto, Freud afirma que o contato do sujeito com o mundo externo por meio de seu corpo também é um fator importante para a formação do Eu.

Inclusive, o autor afirma que o Eu é primeiramente corporal. Em uma nota de rodapé, acrescentada em 1927 na edição inglesa de “O Eu e o Isso”, ele lança a hipótese de que “o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo” (FREUD, 1923, p. 39). Essa ideia se conecta com o apresentado alguns anos antes em “Introdução ao Narcisismo”, a passagem do funcionamento fragmentado no autoerotismo para uma organização mais genital, fornecendo uma experiência de unidade corporal, já que as satisfações não estarão mais fragmentadas nas zonas erógenas. Vemos, portanto, que o advento do Eu tem íntima ligação

com a experiência de corpo próprio, ao mesmo tempo que essa experiência corporal fornece recursos para o Eu, o Eu advém a partir dessa experiência.

Diante do exposto sobre a primeira e a segunda tópica, podemos identificar, na travessia dos complexos familiares, o momento crucial do desenvolvimento do sujeito, no qual este se deixa modificar, ou não, pelo mundo externo. Como dito anteriormente, são as figuras parentais que assumem o papel de introduzir o sujeito na cultura. Claro que não se pode esquecer das escolhas do sujeito frente a apreensão da cultura. O papel das figuras parentais é introduzir a lógica do laço social, a noção de alteridade, trazer à tona as proibições fundantes da civilização, a interdição do incesto e parricídio, mas cabe ao sujeito inscrevê-las.

As figuras parentais também assumem papel incontestável na apreensão de corpo próprio pelo sujeito, que, como Freud mostra na nota de rodapé, dá contorno ao Eu. É no cuidado fornecido ao corpo pela figura materna ao bebê, através de tarefas que podem aparentar ser de cunho prático e higiênico, como alimentar, vestir, ninar, trocar fralda, dar banho, conversar e dar carinho, que, aos poucos, o Eu se forma, a partir da apreensão das sensações de superfície corporal. Essas tarefas muitas vezes são entendidas como meros cuidados que podem ser transferidos a outros, mas contam com importante investimento libidinal por parte da mãe. Por mais que haja escolha do sujeito, ela não se dá sem um outro comprometido em introduzi-lo na cultura, para que o Eu se extraia do Id, formando barreira contra os impulsos mais destrutivos. É preciso que haja aculturação, como Freud afirma na célebre frase: “Onde estava o Id, ali estará o ego. É uma obra de cultura” (FREUD, 1932, p. 84).

O complicador que Freud traz é que essa separação entre o Eu e o Id não é total, como soava na primeira tópica. O Eu se extrai do Id, mas não sem a necessidade de tomar emprestadas as forças do Id e ser influenciado pela pulsão. Sendo parte modificada do Id, o Eu não deixa de interagir com ele. Mesmo tendo ligação íntima com a percepção, por vir do Id, o Eu também tem ligação com a pulsão e, como vimos, não surge sem ela. Não só tem ligação com a pulsão, como pode por ela ser influenciado e dominado. Freud (1923) afirma:

Já concluímos também que o ego se acha especialmente sob a influência da percepção e que, falando de modo geral, pode-se dizer que as percepções têm para o ego a mesma significação que os instintos têm para o id. Ao mesmo tempo, o ego está sujeito também à influência dos instintos, tal como o id, do qual, como sabemos, é somente uma parte especialmente modificada (p.53)

Há também um outro complicador, a terceira província do aparelho psíquico (FREUD, 1932): o supereu. Freud o denomina herdeiro do complexo de Édipo. Ele será o precipitado de identificações que surgem no Eu durante esse período do desenvolvimento psíquico que irão adquirir uma posição especial, tornando-se o supereu (FREUD, 1923). Há aqui uma conclusão lógica acerca dessas identificações: elas ocorrem para que o Id possa abandonar os objetos de amor e, ao mesmo tempo, permitem que o Eu se assemelhe a esses objetos e receba os investimentos libidinais do Id (FREUD, 1923). Mas, assim como o Eu, o supereu possui relações com o Id e, para o autor, é seu representante. Sendo assim, o autor traz, em 1932, a imagem do Eu como a instância que precisa se desdobrar para responder à exigência de três senhores:

O pobre do ego passa por coisas ainda piores: ele serve a três severos senhores e faz o que pode para harmonizar entre si seus reclamos e exigências. Esses reclamos são sempre divergentes e freqüentemente parecem incompatíveis. *Não é para admirar se o ego tantas vezes falha em sua tarefa.* Seus três tirânicos senhores são o mundo externo, o superego e o id. Quando acompanhamos os esforços do ego para satisfazê-los simultaneamente - ou antes, para obedecer-lhes simultaneamente -, não podemos nos arrepender por termo-lo personificado ou por termo-lo erigido em um organismo separado. *Ele se sente cercado por três lados, ameaçado por três tipos de perigo, aos quais reage, quando duramente pressionado, gerando ansiedade.* (p.82) (Grifos nosso)

Não é difícil ver, então, o quanto o Eu pode ser frágil e se recolher diante dessas três tirânicas exigências. Quando bem-sucedido em seu trabalho, o Eu é capaz de trocar o princípio do prazer pelo princípio de realidade, permitindo ações e interpretações mais condizentes com o que se é, em vez do que gostaria de ter sido. Quando malsucedido, ao admitir sua fraqueza, o Eu “irrompe em ansiedade - ansiedade realística frente ao mundo externo, ansiedade moral frente ao superego e ansiedade neurótica frente à força das paixões do Id” (FREUD, 1932, p. 82). É preciso questionar o que habilita o Eu para que ele possa ser capaz de lidar com as diferentes exigências sem deixar-se invadir pelas forças de seus três senhores.

Através do elaborado até aqui, é possível dizer, em termos bem freudianos, que é a disponibilidade pulsional do sujeito para inscrever a castração que pode aparelhá-lo para ter um Eu capaz de ponderar as exigências e de fazer laço. Clinicamente, é possível observar que não há fórmula mágica para essa apreensão, ela não é unifatorial. Nota-se que a presença de pais dispostos a transmitir um dever civilizatório aos filhos não garante que haja, para esses filhos, uma série de dificuldades na apreensão de situações cotidianas

envolvendo a construção de relacionamentos, por exemplo. Vemos, também, como pessoas nas mais precárias condições de vida material e psíquica podem decidir amar o outro que tiveram, possibilitando um bom aparelhamento do Eu, mesmo que com angústias a serem lidadas. Ou como a perda de um objeto de amor no luto pode desaparelhar o Eu, aparentemente funcional até aquele momento.

Portanto, vemos que a segunda tópica não anula a primeira, mas torna a estruturação do aparelho psíquico mais complexa e fina, trazendo fronteiras menos estáticas e mais de acordo com as variadas possibilidades dos fenômenos clínicos e estruturações do aparelho psíquico.

1.3 Notas sobre o Eu na neurose e na Psicose

Pouco tempo depois da publicação de “O Eu e o Isso”, de 1923, encontramos na obra freudiana uma dupla de textos, de 1924, “Neurose e Psicose” e “A perda da realidade na Neurose e na Psicose”, que abordam as diferenciações entre neurose e psicose a partir de uma visão topológica sobre seus possíveis conflitos. Podemos dizer, de maneira resumida, que neurose e psicose são duas formas de estruturação do aparelho psíquico, marcadas e diferenciadas a partir da relação de recusa ou aceitação do sujeito à castração. A formulação freudiana é simples e direta: “a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre ego e o mundo externo” (FREUD, 1924, p. 167).

Em ambas as estruturas, os conflitos surgem devido a uma frustração diante dos desejos de infância, a uma não realização. Na neurose o que temos é um conflito do Eu frente às exigências pulsionais. O Eu recusa-se a ceder ao Id e escolhe lutar a favor da realidade externa e também do supereu, podemos dizer que aqui há clara diferenciação entre Eu e Id. A ação do Eu será impor forças para pôr o recalque em movimento e apartar aquela parte do Id que entra em conflito com a realidade e com as exigências do supereu (FREUD, 1924). Diferentemente do que se pode esperar, inicialmente, a neurose não é uma ação bem-sucedida do ego, ela também traz sofrimento, especialmente quando aquilo que o ego tentou apartar da consciência busca retornar. Freud mostra que, na neurose, há perda de realidade, no sentido de que aquela parte da realidade que entrou em conflito é, de certo modo, ignorada. Para o autor, a neurose se dará exatamente neste ponto. A neurose está menos ligada ao conflito entre Eu e Id e o recalque que o Eu realiza a serviço do mundo

externo, e mais ligada aos “processos que fornecem uma compensação a parte danificada do id - na reação contra a repressão e ao fracasso da repressão” (FREUD, 1934, p. 205).

Já na psicose, o que temos é um conflito do Eu com o mundo externo. Pode-se dizer que o Eu, na psicose, se coloca do lado do Id, ele consente com a pulsão e se retira do mundo externo. Ou seja, na psicose, o Eu e Id aparecem indiferenciados. O Eu está mergulhado na pulsão. Diante dessa fuga do mundo externo, o Eu busca reparar a realidade, o que Freud expressa como sendo o delírio. Esse reparo da realidade, tanto interno quanto externo, tem para o autor realmente a ideia de uma “tentativa de cura ou reconstrução” (FREUD, 1924, p. 169). Essa cura, através do delírio, é costurada através de “traços de memória, ideias e julgamentos” (FREUD, 1924, p.207) que aparecem a partir da realidade apresentada. Como a realidade continuamente se impõe, esses precipitados psíquicos continuam a se enriquecer.

O ponto de destaque é como Freud atribui ao Eu as possibilidades de conflitos que fazem surgir tensão no aparelho psíquico, gerando angústia, e como esses conflitos se mostram em ambas as estruturas. O exemplo topológico das estruturas clínicas mostra como o Eu pode aparecer como ponto clínico de um sofrimento psíquico e como ferramenta da pulsão, empurrando o sujeito para atitudes mais destrutivas. A relação do Eu com o Id e/ou com o mundo externo apresenta falhas e conflitos, Freud se questiona, inclusive, como o Eu pode sair com êxito dessas confrontações.

A tese de que as neuroses e as psicoses se originam nos conflitos do ego com suas diversas instâncias governantes - isto é, portanto, de que elas *refletem um fracasso no funcionamento do ego*, que se vê em dificuldades para reconciliar todas as várias exigências feitas a ele - essa tese precisa ser suplementada em mais um ponto. Seria desejável saber em que circunstâncias e por que meios os ego podem ter êxito em emergir de tais conflitos, que certamente estão sempre presentes, sem caís enfermo. (FREUD, 1924, p. 170) (grifo nosso)

CAPÍTULO 2: A INIBIÇÃO

Em 1926, Freud publica um longo texto intitulado “Inibição, Sintoma e Angústia”, no qual aborda a relação entre esses três conceitos dentro da teoria psicanalítica. O autor traz casos célebres, como “O homem dos lobos” e o “O pequeno Hans”, para pensar a articulação desses conceitos em especial como ocorre a formação de sintomas e suas relações com a angústia. Entretanto, antes mesmo da publicação deste texto a palavra inibição já era utilizada na obra freudiana. Ana Lydia Santiago (2005), afirma que o termo inibição “é contemporâneo ao próprio nascimento do corpo teórico-clínico da psicanálise” (p.112). No trabalho de 1926, a construção final sobre as inibições é que elas são: “limitações das funções do Eu” (FREUD, 1926, p. 14). E por que essas limitações ocorrem? As causas são diversas, mas Freud observa que elas ocorrem porque a função realizada causa angústia, para que o Eu evite o surgimento de um conflito com o supereu ou com o Id, ou ainda porque o Eu precisa poupar energia para a realização de outra tarefa (Freud, 1926).

Diante dessas elaborações iniciais, este capítulo é dedicado à inibição e a sua íntima relação com o Eu. Ele será constituído a partir da visão da inibição como um mecanismo próprio do Eu, mostrando sua importância para a vida psíquica e a relação da inibição com a pulsão. Serão tratados o eu inibido, trazendo a inibição como ponto de fragilidade do Eu, que pode permitir ao sujeito grandes irrupções de angústia, e também será abordada a diferenciação entre inibição, sintoma e sublimação.

2.1 A inibição e o Eu

No texto freudiano “Projeto para uma psicologia científica”, um escrito pré-psicanalítico de 1895, já se encontra o termo inibição sendo utilizado. Freud realiza uma importante aproximação entre o Eu e a inibição, tomando-o como agente desta, mesmo que, neste momento da elaboração da teoria e clínica psicanalítica, o Eu não seja entendido como uma instância do aparelho psíquico. É o que afirmam Câmara e Herzog (2018) a partir do escrito.

Neste trabalho (O projeto), a inibição é entendida como um processo de “ocupação lateral” *agenciada pelo eu*. Este último não é concebido como uma instância psíquica, mas como múltiplas organizações neuronais cujo rol de operações se estende virtualmente por todos os neurônios mnêmicos. À imagem de um gestor, seu papel se limita a duas funções as quais são levadas a cabo pelo mesmo processo de inibição: em primeiro lugar, à regulação das intensidades dos

processos psíquicos (que a partir daí passam a ser tipificados como primários ou secundários): *“se existir um eu, ele tem de inibir processos psíquicos primários”* (Freud, 1895/1995, p. 37) (P.58 - 59) (Grifo nosso)

É possível observar um importante uso da inibição no aparelho psíquico: a inibição dos processos primários. Essa inibição permite que um funcionamento mais secundário se instaure. Os processos primários dizem respeito a uma forma de funcionamento mais guiada pelo princípio do prazer, uma busca pela satisfação pulsional menos regulada pelos dados da realidade. Eles têm ligação direta com o funcionamento inconsciente. Os processos secundários, por sua vez, têm conexão com o funcionamento consciente e são orientados pelo princípio de realidade (FREUD, 1911). O que faz com que o sujeito institua um funcionamento secundário? As exigências da vida, o sujeito se vê direcionado a inibir um funcionamento primário para instaurar um funcionamento secundário. Diante da realidade e suas exigências, o aparelho psíquico é chamado a adaptar-se (SANTIAGO, 2005).

A inibição permite que os elementos provenientes do inconsciente sejam retificados a partir da realidade, impedindo o sujeito de buscar uma realização alucinatória do desejo. Essa busca alucinatória entra em conflito com a realidade, trazendo excitação ao aparelho psíquico gerando angústia. Mesmo que esse ajuste não seja total é uma promessa de um caminho mais seguro para a realização do desejo.

a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto aos seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro (FREUD, 1911, p.242)

Ao falarmos sobre realização de desejo, não podemos esquecer de dois pilares da teoria psicanalítica: a sexualidade e a pulsão. Se o Eu é a instância responsável por permitir que o sujeito adentre no laço social de maneira a considerar a realidade e, como dito antes, é ele que agencia o mecanismo inibitório. Fica clara, portanto, a relação dessa ferramenta do Eu, a inibição, para regular a sexualidade no psíquico.

Desse modo, temos duas maneiras de entender a função do mecanismo inibitório no psiquismo: a inibição permite orientar a pulsão sexual e também impede que se encontre satisfação no mundo exterior (SANTIAGO, 2005). Pensar a orientação da pulsão sexual é nada mais do que outra forma de falar sobre a regulação do princípio do prazer pelo princípio de realidade. Sem essa regulação, os sujeitos ficam à mercê dos excedentes de

sexualidade no aparelho psíquico e podem buscar realizações e fazer escolhas que os coloquem em situações de risco, já que não estão exatamente considerando os dados de realidade apresentados.

A inibição de certas formas de funcionamento e sua reorientação são importantes funções do Eu, sem as quais o sujeito pode se ver em profundas angústias diante da realização do desejo por meios perigosos. Começa a se delinear uma importante e complexa relação entre inibição e pulsão. Tomada como mecanismo regulador, a inibição exerce, então, uma função de defesa para preservar o equilíbrio do aparelho psíquico. Na organização da relação entre inibição e pulsão, é possível sintetizar algumas hipóteses sobre o mecanismo inibitório. Destaca-se, para fins deste trabalho, a hipótese da inibição como defesa, estabelecendo um limite para atividade pulsional.

A finalidade principal da inibição consiste em controlar e dominar qualquer excedente de sexualidade, fonte de desprazer por excelência cuja presença ameaça pôr em risco uma certa constância no aparelho psíquico (SANTIAGO, 2005, p.118)

Diante dessa elaboração, ao nos depararmos na clínica com sujeitos inibidos, é preciso se questionar: a que atividade pulsional o sujeito está se defendendo? Retornando ao trabalho de 1926, como dito antes, a construção final sobre as inibições é que elas são “limitações das funções do Eu” (FREUD, 1926, p.14). Limitações que ocorrem porque a função realizada causa angústia, para que o Eu evite o surgimento de um conflito com o supereu ou com o Id, ou ainda porque o Eu precisa poupar energia para a realização de outra tarefa (FREUD, 1926). Freud cita o luto como exemplo de uma ação que exige forças do Eu e pode levá-lo a poupar energia, mas o autor também menciona como exemplo o esforço do Eu para refrear fantasias sexuais que emergem de maneira contínua. Mais uma vez, é preciso direcionar a clínica e indagar, na construção dos casos clínicos que dizem respeito a inibição: qual é exatamente a função que causa angústia? Que tipo de conflito com o Id ou com o Supereu o sujeito está evitando? Há algum excedente de sexualidade emergindo, empobrecendo o Eu para a realização de suas funções?

A falta de reorientação do sujeito para formas mais benéficas de realização do desejo e de direcionamento da energia psíquica também gera angústia. Ou seja, ao acionar uma medida de defesa, o Eu pode acabar agindo contra si mesmo, como em um processo autoimune: o Eu não se reconhece como autor da inibição, gerando um curto-circuito na

dinâmica psíquica. O Eu inibe o que causa angústia, mas não necessariamente redireciona a energia psíquica do sujeito para meios mais seguros, o que nada mais é do que uma limitação na função do Eu.

A definição de inibição enquanto restrição de uma função do eu desencadeada por essa mesma instância põe em relevo um aspecto decisivo: o eu inibe o próprio eu. [...] O que ocorre é que o eu inibidor e o eu inibido partilham da mesma organização, isto é, são a mesma instância psíquica.
(CÂMARA E HERZOG, 2018, p. 65)

Vemos, assim, a partir do mecanismo da inibição, essa posição paradoxal do Eu frente aos conflitos psíquicos. Essa posição paradoxal conecta-se com a construção acerca do Eu elaborada por Freud em 1923. Nesse texto, como visto no capítulo anterior, Freud deixa claro como o Eu pode também ser dominado pela pulsão e ser agido a partir dela, mesmo que aparentemente a inibindo. Vemos, portanto, que “O ego evolui da percepção para o controle dos instintos, da obediência a eles para a inibição deles” (FREUD, 1923, p. 68). Pode-se elaborar a hipótese, então, que essa percepção e obediência aos instintos (pulsões) é a face do Eu que sofre a inibição e que deixa o sujeito ser agido pela pulsão, permitindo um funcionamento do tipo primário e sendo incapaz de redirecionar a energia psíquica para fins mais civilizatórios.

Um funcionamento mais primário pode ter diferentes manifestações na clínica, como as compulsões, através de certo automatismo que exige satisfação de modo deliberado, dificuldades na ocupação de lugares sociais, baixa responsabilização diante de relacionamentos etc. Ao mesmo tempo, esse mesmo Eu pode controlar e inibir a pulsão, o que está relacionado com o Eu como agente da inibição. Ou seja, quando o Eu se deixa levar pela pulsão e age a serviço dela, a inibição está presente, nesse caso, de maneira paradoxal, agindo sobre o próprio Eu inibindo-o.

2.2 A inibição e as possíveis diferenciações e relações com sintoma e sublimação

Diante do exposto, é preciso construir as diferenciações do mecanismo da inibição em relação a outras formações dentro do campo psicanalítico, para que fique claro o que exatamente está sendo chamado de inibição. Sabe-se que construções teóricas muitas vezes buscam definir de modo preciso determinados conceitos, estruturas, mecanismos e fenômenos, mas sabemos, também, que quando se trata do psíquico humano, nem sempre

são possíveis definições estáticas. Portanto, o esforço aqui demonstrado é para construir ferramentas acerca do debate proposto e não para impor limites estáticos aos conceitos elaborados.

Uma primeira diferenciação que o próprio Freud elabora acerca da inibição encontra-se no início do texto de 1926, “Inibição, Sintoma e Angústia”: a diferença entre sintoma e inibição. O autor começa esclarecendo que a inibição não necessariamente representa um processo patológico, diferentemente do sintoma que aponta para a realização de um processo patológico. Pensando na função, o sintoma está mais ligado a uma alteração ou nova manifestação de determinada função do que a sua parada em si. O sintoma também é alheio ao Eu: ele ocorre fora do Eu e é estranho a ele, já a inibição é própria do Eu.

Outro ponto importante, para pensar o sintoma dentro do campo psicanalítico, é que o sintoma é substituto de uma satisfação pulsional. Ou seja, o sintoma tem relação com o recalado que retorna, com uma satisfação pulsional não realizada que se desloca e é substituída. A inibição é própria do Eu, não representa obrigatoriamente uma substituição de uma satisfação pulsional e é uma parada ou diminuição da função, também não necessariamente patológica. Porém, neste mesmo texto, Freud deixa claro que inibições podem ser sintomas, mas não se trata dos mesmos mecanismo e conceitos, ao mesmo tempo que também não são pares de opostos que não se conectam em algum momento.

Outro conceito importante a considerar, ao falar de inibição, é a sublimação. No importante texto de 1905, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905) elabora sobre a constituição da sexualidade do sujeito. Neste texto, o autor apresenta a sublimação como um dos destinos da energia sexual. O mecanismo sublimatório também é abordado em “Introdução ao narcisismo”, de 1914. No processo sublimatório, “as excitações hiperintensas provenientes de diversas fontes da sexualidade encontram escoamento e emprego em outros campos” (FREUD, 1905, p. 225). Ou seja, a sublimação é o desvio da energia sexual para outros fins. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, o autor cita como exemplo atividades artísticas e culturais. Santiago irá demonstrar, a partir de Freud, que o que está em jogo na sublimação é a inibição do objetivo da pulsão, que é sexual. “O objetivo da pulsão seria uma satisfação sexual experimentada no corpo e por meio do corpo. A inibição desse objetivo reorienta a satisfação em direção a um outro alvo não sexual” (2005, p. 116).

A inibição do objetivo não significa inibição total. A inibição do objetivo é um dos passos para a reorientação da pulsão, e esse é o ponto central de diferenciação entre a

sublimação e o tipo de inibição que está sendo tratado aqui. A sublimação diz respeito a um processo que trata da retirada do sexual no psíquico e a reorientação da energia para outras realizações. Quando a inibição é acionada um dos motivos é o sexual se demonstrar presente em excesso causando abalo na dinâmica psíquica, mas não ocorre reorientação da energia. Portanto, enquanto a sublimação tem a ver com dessexualizar, a inibição aparece quando há sexualização excedente.

A via sublimatória é possível pela inibição da pulsão quanto ao seu objetivo, que promove a dessexualização do corpo e a instauração de um espaço vazio de significação sexual, no qual o pensamento pode se exercer [...] A inibição sintomática, portanto, anula a sublimação, pela sexualização do não-sexual (SANTIAGO, 2005, p.132)

Diante do exposto sobre essas diferenciações, quando falamos de sujeitos levados pela pulsão, não poderíamos falar de sujeitos com baixa capacidade sublimatória, e que recorrem à inibição de funções e do próprio eu? Pode-se pensar como exemplo sujeitos que apresentam pouca disposição para ocupar lugares no laço social e demonstram maneiras danosas de lidar com angústia, como autoflagelações, adicções, compulsões entre tantos outros fenômenos. Sujeitos que em suas escolhas parecem ser mais guiados pelo princípio do prazer e um além deste que em nada tem a ver com o princípio de realidade.

Verifica-se, portanto, como a inibição se mostra um importante mecanismo que tem grande participação na estabilidade psíquica sendo uma das poderosas funções do Eu diante da pulsão. Ao mesmo tempo, ela pode permitir a queda do sujeito quando o Eu a usa como defesa de si mesmo, se isentando de agir frente a conflitos psíquicos. Essa isenção parece ocorrer devido a uma grande carga de energia sexual presente no aparelho, da qual o Eu não dá conta, assim como uma pouca afeição do sujeito à construção de vias mais sublimadoras, bem como um Eu frágil pouco aparelhado e pouco diferenciado do Id.

CAPÍTULO 3: UM ENTRELAÇAMENTO ENTRE EU E INIBIÇÃO

Diante do que foi apresentado, até o momento, este capítulo será dedicado a elaborações referentes ao entrelaçamento do Eu com a inibição, a partir da posição melancólica que alguns sujeitos parecem assumir. Para isso, faz-se necessário apresentar como a melancolia é entendida na obra freudiana e a razão pela qual se optou por falar de uma posição melancólica e não necessariamente de uma estrutura melancólica em si. A partir dessas elaborações, apresenta-se a importância do estudo da inibição para a sintomatologia contemporânea, na qual observamos autoflagelações, compulsões, adicções, transtornos alimentares e outros comportamentos danosos ao sujeito e ao laço social.

3.1 A melancolia e sua relação com o Eu e com a Inibição

Em 1917, Freud publica um importante texto para o corpo teórico da psicanálise, intitulado “Luto e Melancolia”. Nesse escrito, o autor apresenta as semelhanças e as diferenças entre o luto e a melancolia, atribuindo como principal distinção que “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” (FREUD, 1917, p. 251). O autor define como fenômenos da melancolia:

um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a *inibição de toda e qualquer atividade*, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917, p. 250) (grifo nosso)

Neste momento da elaboração freudiana, o Eu ainda não estava tão formalmente teorizado como instância psíquica que se diferencia do Id a partir da influência do mundo externo, que é a elaboração da segunda tópica, organizada somente em 1923. Porém em 1924, no texto, Neurose e Psicose, Freud define a melancolia como uma neurose narcísica resultante de um conflito entre o Eu e o Supereu.

A categoria neurose narcísica parece evidenciar a importância desse momento, o narcisismo, para a construção da posição melancólica dos sujeitos. Como descrito no capítulo sobre a formação do Eu, o narcisismo é um importante momento da constituição do psiquismo humano, ele fornece as bases libidinais para que o Eu advenha como a instância que luta pela preservação do sujeito. Porém, o narcisismo só pode fornecer esses recursos se o sujeito apreende o mundo externo de maneira a instaurar um funcionamento secundário,

regulado pelo princípio de realidade. Ou seja, o narcisismo fornece a energia libidinal, mas é principalmente em seu desfecho, na passagem pelo narcisismo primário, que o sujeito pode advir. Ao falar de uma falha na organização narcísica dos sujeitos, está se falando em uma falha na construção do Eu.

A melancolia revela uma dificuldade de separação do sujeito em relação ao outro, tanto que Freud afirma que as recriminações melancólicas, que o sujeito lança sobre si mesmo, na verdade, são dirigidas ao objeto amado, com o qual o melancólico se confunde (FREUD, 1917). Diante do “desapontamento proveniente da pessoa amada” (FREUD, 1917, p. 254), o Eu do melancólico não é capaz de se desligar do outro e sofre por isso. A retirada da libido desse investimento sofre uma falha: a energia libidinal não é alocada em outro objeto, mas investida no próprio Eu, gerando uma identificação com o objeto abandonado, “assim a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (FREUD, 1917, p. 254). Em um desenvolvimento mais saudável do psiquismo humano, a retirada do investimento libidinal do objeto amado não ocorre necessariamente por uma decepção com esse objeto, mas por uma escolha do sujeito de apreender o mundo externo e separar-se para se inserir no laço social. Essa apreensão do mundo externo ocorre justamente no narcisismo quando o sujeito deixa de identificar-se com o Eu ideal e passa a construir um Ideal do Eu humanizador. Portanto, a posição melancólica revela uma falha no circuito libidinal narciso na qual o sujeito se mantém preso a outro amado, confundindo-se com ele.

Dessa forma, a estrutura melancolia se forma a partir de uma reação à perda do objeto amado, não necessariamente pela morte desse objeto, mas a perda dele como amado. Freud afirma que a perda melancólica é desconhecida, no sentido que não se sabe exatamente o que se perdeu no objeto (FREUD, 1914). Mendes, Viana e Bara (2014) mostram como a perda melancólica é não simbolizável, já que não pode ser nomeada e está na ordem do inconsciente. Como explicitado em 1926, em “Sintoma, inibição e angústia”, quando o Eu é chamado a tarefas exaustivas ele pode retirar seu investimento de determinadas atividades para agir naquela tarefa que demanda energia. Diante disso, não é difícil observar o porquê da presença da inibição nos quadros melancólicos. O Eu do melancólico parece estar sem forças por estar em luta contra uma perda impossível de ser nomeada:

Na melancolia, a perda desconhecida resultará num trabalho interno semelhante, e será, portanto, responsável pela *inibição melancólica*. A diferença consiste em que a inibição do melancólico nos parece enigmática porque *não podemos ver o*

que é que o está absorvendo tão completamente (FREUD, 1917, p.251) (Grifo nosso)

Ainda em 1917, Freud elabora que o Eu na melancolia não só luta contra a perda desconhecida, mas também contra si mesmo. Em “Luto e Melancolia” o autor já dá pistas que a melancolia parte de um conflito do eu com o supereu, apesar de o supereu ainda não estar elaborado como instância psíquica nesse momento da teoria. Essa afirmação é corroborada em 1924, como dito anteriormente, quando Freud define a melancolia a partir de um conflito entre o Eu e o Supereu. Freud afirma que:

uma parte do ego se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto. Nossa desconfiança de que o agente crítico, que aqui se separa do ego, encontraremos fundamentos para distinguir esse agente do restante do ego (1917, p. 253)

O supereu melancólico não se organiza de modo a aparelhar o sujeito para que este possa se inserir no laço social e ponderar sobre suas escolhas. Ele não aparenta ser portador do Ideal do Eu, movendo o sujeito a formações no campo do simbólico (ALBERTI, SANTOS e BETIELLE, 2019). O supereu do melancólico está mais próximo de uma versão tirânica, mortífera, mergulhado na pulsão de morte.

Portanto, é possível compreender por que os sujeitos melancólicos demonstram uma inibição até mesmo para atividades mais simples do cotidiano. No psíquico do melancólico, há um vazamento de energia não aparelhado por um direcionamento da libido para outros objetos e outras atividades. O eu do melancólico está inibido em si mesmo, lutando contra si, contra a perda desconhecida e sendo constantemente castigado por seu supereu.

Se a realização de atividades ligadas à vida laboral, amorosa, social necessita de direcionamento da energia psíquica para sua realização, o melancólico parece não dispor da energia necessária para essas realizações, seu eu está fraco, inibindo-se como um mecanismo autoimune para lidar com as demandas internas, já que não está aparelhado por um funcionamento narcísico que permita ao indivíduo lutar por sua preservação, mas sim engolido pelo objeto, confundindo-se com ele.

Em casos drásticos, as atividades ligadas ao cuidado de si também fraquejam. Por isso, perguntas relacionadas a cuidados que soam básicos são essenciais, como banhar-se, pentear o cabelo, escovar os dentes, além da observação clínica do sono, já que esta também é uma das funções do Eu, como Freud menciona, em 1923. A falta de autocuidado revela

uma inibição avançada do Eu, que pode resultar em um cair do sujeito diante das angústias a serem lidadas e frente a possíveis exigências do mundo externo, resultando em passagens ao ato perigosas.

3.2 Sujeitos inibidos e melancolização

Mesmo diante da hipótese construída por Freud, em 1924, sobre a melancolia como uma neurose narcísica, no corpo teórico da psicanálise, a melancolia também pode ser compreendida como uma estrutura psíquica psicótica. Ela é conceituada ao lado da mania, dando origem à psicose maníaco-depressiva, algo que o próprio Freud elaborou no texto de 1917, ao falar da mania como possível reação ao estado melancólico. A melancolia traz à teoria psicanalítica uma dificuldade relacionada à conceituação e ao diagnóstico. Oliveira e Coelho dos Santos (2017) afirmam:

a melancolia não se insere no continuum das psicoses de modo simples: há estados melancólicos sem delírios, períodos melancólicos sem prolongamento maníaco, assim como tempos de razoável estabilidade psíquica (p.249)

Dessa forma, para fins deste trabalho, além das discussões ligadas à construção do diagnóstico estrutural e diferencial, é possível observar como a melancolia pode ser entendida como uma posição subjetiva transestrutural. A melancolia funciona como uma chave de análise para sintomas que parecem demonstrar grande irrupção de angústia e revelar sujeitos psiquicamente desamparados para a construção de respostas mais simbólicas e menos danosas ao laço social e ao próprio sujeito (OLIVEIRA E COELHO DOS SANTOS, 2017).

Portanto, pensa-se em uma posição subjetiva melancólica e menos em uma estrutura psíquica melancólica. Pode-se falar, então, de sujeitos melancolizados, e não necessariamente sujeitos melancólicos no sentido estrutural do termo. A visão de uma posição melancólica dos sujeitos não exclui a melancolia como uma neurose narcísica, mas amplia a possibilidade de leitura de casos com grandes irrupções de angústia e com fortes inibições.

A melancolia pode ser uma patologia narcísica, caracterizada por uma falha na constituição do eu, na qual predominam os impulsos destrutivos, podendo levar à destruição do eu, mas pode também ser uma posição subjetiva (MENDES, VIANA E BARA, p. 429, 2014)

Como é possível observar uma posição melancolizada nos sujeitos? Um dos principais pontos da melancolia é sua relação específica com o outro, que perpassa por uma indiferenciação e uma grande ambivalência afetiva. O melancólico ama tanto seu outro que o odeia a partir do momento que se vê convocado a se separar. Na melancolia, temos grande idealização do outro, a decepção é proporcional à expectativa do sujeito sobre esse outro que tudo deveria suprir. Por não corresponder às expectativas geradas, o outro na melancolia aparece como tirânico, insuficiente, como quem não deu o suficiente (OLIVEIRA E COELHO DOS SANTOS, 2017).

No contemporâneo, não é difícil observar sujeitos profundamente decepcionados, reivindicando o amor que não lhes foi dado, exigindo cuidados e apontando as falhas dos outros. É possível observar essa relação não só com as figuras parentais, mas também em seus substitutos, como professores, chefes, avós, tios, figuras de autoridades, instituições, etc. A presença na clínica de reclamações sobre escolhas dos pais, sobre decisões de figuras de autoridades e a destituição dos papéis de autoridade pelos sujeitos que buscam a clínica é comum de ser observada. Os outros desses sujeitos melancolizados aparecem no discurso como incapazes, insuficientes e agressivos, evidenciando o mecanismo melancólico de idealização do outro e revelando uma profunda ferida narcísica.

Outro ponto do mecanismo melancólico na relação com o outro são as recriminações. O melancólico tem seu Eu constantemente castigado pelo supereu, o que resulta na tomada das críticas como ofensas com grande peso, capazes de gerar profundas angústias, frequentemente expressas pelos sujeitos na clínica como culpa diante de seus erros. A partir disso, o sujeito se autorecrimina, se humilha e se tortura. A falta de um supereu bem aparelhado, resultado da instalação dos processos secundários de funcionamento, faz com que o sujeito tenha baixa capacidade de ponderar e de relativizar, tornando as críticas recebidas mortíferas ao sujeito, gerando culpa, frustração, vergonha e tentativas de punição que podem resultar em autoflagelações.

As opiniões, críticas e visões dos outros são tomadas como martírio pelo sujeito melancolizado. Essa reação parece revelar menos uma visão diminuída de si e mais sobre a incapacidade do outro. É como se o melancolizado dissesse: “Veja como a sua falta não fez de mim algo bom”. É o que Freud nos traz: “os pacientes ainda conseguem, pelo caminho

indireto da autopunição, vingar-se do objeto original e torturar o ente amado através de sua doença” (1917, p.257).

Como exposto, devido ao grande desgaste de energia do Eu em lidar com a falta desconhecida, com o supereu cruel sem o apoio de um Eu mais organizado e bem diferenciado do Id, o melancólico sofre profundas inibições nas mais diversas atividades. Essas inibições, em sujeitos que assumem uma posição subjetiva melancólica, podem não se manifestar diretamente como recusa ou incapacidade total de realizar funções ligadas à vida laboral, amorosa ou social. Elas podem aparecer nos discursos através de queixas muito contemporâneas como, por exemplo, a procrastinação, cansaço excessivo e suposta falta de motivação. Essas falas nomeiam uma inibição que impede o sujeito de se inserir de forma potente e singular no laço com o outro. É claro que na clínica, é preciso contextualizar o discurso dos sujeitos. Algumas das manifestações citadas podem inclusive possuir causa orgânica, mas, quando tratadas analiticamente, é preciso contar com a hipótese de sujeitos inibidos, que assumem uma posição melancolizada frente ao outro, no laço social.

Embora a sintomatologia contemporânea possa ser pensada a partir de uma visão de excessos, como adições e compulsões, não é difícil encontrar sujeitos com grandes dificuldades referente à realização e manutenção de tarefas. Como nos traz Câmara e Herzog (2018):

sustentamos que na clínica contemporânea se encontram também pacientes que têm grande dificuldade em iniciar ou manter uma ação, seja apresentar um trabalho na escola, travar conversa com um estranho, procurar um tratamento, ir para o trabalho, tomar banho, levantar da cama, comer (p.54)

As mesmas autoras trazem como ponto da sintomatologia atual diagnósticos que se proliferam e ocupam o discurso psicológico contemporâneo, facilmente evidente na clínica devido à psicologização da vida. Não é difícil cada vez mais encontrar na clínica sujeitos autodiagnosticados. Termos diagnósticos como depressão, síndrome do pânico, fobia e ansiedade social, síndrome de burnout etc podem ser na verdade formas contemporâneas de nomear um Eu pouco organizado e inibido em suas funções. O próprio fato de os sujeitos frequentemente recorrerem a termos que nomeiam seu mal-estar trazendo uma totalidade na explicação pode ser um índice de um Eu com inibições. Pois revelam uma baixa capacidade de ponderar, dialetizar, de avaliar o que se é com o que gostaria que ter sido, de regular o

funcionamento através do princípio de realidade evitando um comportamento alucinatório e perigoso, de realização do desejo, atividades essenciais ao bom funcionamento do Eu.

É possível observar, portanto, como as queixas que chegam na clínica atual, mesmo revestidas de diagnósticos prontos e contemporâneos, podem ser analisadas a partir das construções mais fundamentais da metapsicologia freudiana. E como elas podem revelar uma profunda dificuldade na apreensão do mundo externo, e na organização narcísica dos sujeitos e, conseqüentemente, na relação com o outro. Relação essa que é fundante da civilização humana. Somos seres desamparados e é no laço com o outro que a humanização surge e possibilita a existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu elaborar sobre a importância e as delicadezas do Eu, enquanto instância psíquica, a partir de sua constituição e diferenciação do Id e da relação paradoxal com o mecanismo de inibição. Buscamos evidenciar a importância desse mecanismo para a inserção do sujeito no laço social, ao mesmo tempo demonstrar que quando feito sobre o próprio Eu, pode gerar danos e dificuldades para apreensão do mundo externo, produzindo angústias.

Ao falar sobre a construção psíquica dos sujeitos em psicanálise, estamos falando necessariamente do laço com o outro que frequentemente pode enfrentar percalços e dificuldades. Diante disso, a melancolia foi escolhida como exemplo clínico do entrelaçamento entre Eu e Inibição. Concebemos a melancolia como hipótese promissora para análise de casos contemporâneos, a partir da construção da melancolia como uma posição subjetiva assumida pelos sujeitos. A melancolia revela um tipo de laço com o outro cada vez mais contemporâneo, um laço marcado pela destituição do outro sem dialetização e ponderação, uma expectativa idealizada que provoca profunda frustração e angústia quando não suprida.

O construído até aqui permite evidenciar a importância da metapsicologia freudiana para análises de casos que trazem um mal-estar nomeado por termos tão contemporâneos e, muitas vezes, distantes da linguagem teórica psicanalítica. O retorno à análise das construções estruturais dos sujeitos e de momentos importantes da constituição psíquica, como o complexo de Édipo e a passagem pelo narcisismo primário, mostra-se promissor para o entendimento de casos clínicos que podem apresentar uma angústia difusa, e mascarada por termos que distanciam o sujeito de suas bases libidinais.

Dessa forma, entendemos que o trabalho pode se desdobrar em futuras pesquisas que aprofundem a presença da posição melancólica no contemporâneo, utilizando-a como chave de análise para a sintomatologia contemporânea. A partir desta monografia, espera-se o desenvolvimento de futuras e novas pesquisas nesse campo, essenciais para a elaboração de ferramentas clínicas conceituais que ajudem o clínico a lidar com casos nos quais a inibição permanece presente mesmo em um mundo inicialmente caracterizado por excessos.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, S.; SANTOS, C.; BETEILLE, I. A extimidade do supereu e um sujeito melancolizado. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 4, p. 782–802, out. 2019

CALAZANS, R.; BASTOS, A. Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22, n. 2, p. 245–256, maio 2010

CÂMARA, Leonardo; HERZOG, Regina. Aspectos preliminares para um estudo sobre a inibição em Freud. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v.50, n. 1, p.53-71, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000100004&lng=pt&nrm=iso> . acessos em 10 jun. 2025.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVII. Documento em pdf

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIX , p. 203-209

FREUD, Sigmund. A repressão. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. Documento em pdf

FREUD, Sigmund. Conferência XXXI. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXII, p. 57 - 80

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1999 v. XII. Documento em pdf.

FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: Obras completas. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 6-60.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12. Documento em pdf

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 14: , p. 245 - 266

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 19, p. 165–171

FREUD, Sigmund. (1923b). O Ego e o Id In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. V. 19, p.15 -80

FREUD, Sigmund. Regressão. In: FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago; Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, 1972. v. V, cap. VII, item B, p. 560–565.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII. Documento em pdf

LACAN, J. O Seminário, livro 10: A angústia (1962–1963). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MENDES, E. D.; VIANA, T. DE C.; BARA, O.. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 30, n. 4, p. 423–431, out. 2014.

OLIVEIRA, F. L. G. Estágio Supervisionado Específico III. Niterói: UFF/IP, 2024. Notas de aula

OLIVEIRA, F. L. G. O estatuto do Eu na clínica psicanalítica e os paradoxos da contemporaneidade. Tempo psicanalítico. (no prelo)

SANTIAGO, A. L. A inibição intelectual na psicanálise. pp.112 - 154, Zahar. 2007